

No fundo, sem o Fundo

Noenio Spinola



Ao longo dos anos as lideranças políticas brasileiras aprenderam que o Fundo Monetário era um bom inimigo, Juscelino Kubitschek ganhou Ibope brigando com o FMI, e assim também pensaram as lideranças atuais. Fundo é igual a recessão — disseram — e uma inaceitável intromissão de peritos estrangeiros na economia brasileira.

Ana Maria Jul foi a última imagem desse show onde os homens (e mulheres) do fundo foram caricaturados como símbolo do dedo do *Big-Brother*, ou da confraria dos grandes irmãos industrializados do norte em nossos negócios internos. Mas, e o que é que está acontecendo hoje, sem o Fundo?

Temos a moratória na dívida externa, e transformamos muita gente em herói com essa bandeira. Temos o fundo mantido à distância, e salvamos a nossa honra fechando as portas à abelhuda burocracia da Avenida Pensilvânia, em Washington. O que temos mais?

Pois bem, temos a possibilidade de fechar o ano de 1987 sem nenhum crescimento da produção industrial. Crescimento zero, em resumo. O nível de emprego industrial em São Paulo caiu 0,39% em agosto, comparando-se com julho. E o nível de atividade industrial de julho deste ano caiu 8,2%, comparando-se com julho do ano passado. Mesmo levando-se em conta que julho de 86 teve um nível elevado de atividades, o fato de que a taxa de empregos vem caindo mês a mês sugere que as empresas acham o horizonte nada cor-de-rosa.

Para reinflar a economia, o governo não recorreu a mais investimentos; recorreu a mais emissões de papel-moeda, o que fatalmente significa mais inflação. pois a política monetária já estatizou quase toda a poupança, e confiscou ou congelou os lucros dos setores mais rentáveis, como os bancos. A taxa de investimentos mergulhou abaixo de 17% do Produto Bruto este ano, contra mais de 22% no

fim da década de 70, e os macrométricos da moda admitem um cenário ainda mais desacelerado neste fim de ano.

Nacionalismo? veja-se o que aconteceu com a Petrobrás: há dois anos, a empresa era lucrativa. Este ano, poderá amargar um prejuízo de 8 bilhões de cruzados. Jogaram a Petrobrás no vermelho. Quem jogou? O esvaziamento sistemático da Petrobrás foi disparado pela Sest, nos tempos do ministério João Sayad, o que levou o ministro Aureliano Chaves a pedir uma reunião da direção da empresa com o deputado Paulo Macarini, vice-líder do PMDB na Constituinte, na suposição de que os erros com a Petrobrás sejam táticos e não estratégicos. Quem defenderia uma estratégia mediante a qual a produção de petróleo, prevista para 800 mil barris diários em um prazo relativamente curto, mantida a taxa de investimentos, possa ser limitada a um máximo de 750 mil barris no horizonte previsível? Para cada unidade de crescimento do produto, é preciso uma antecipação relativa em produção de energia. O desequilíbrio é igual à vulnerabilidade, ou desnacionalização.

A realidade brasileira só não é kafkiana porque o país tem uma grande dimensão e uma enorme diversidade de recursos: quando um setor vai mal, outro surpreende, apesar de todo o desconchavo político, administrativo e econômico. O que é grave desta vez é a paralisia progressiva nos investimentos, pois a taxa de crescimento da população urbana continua acelerada e acima de 3 ou 4% nas grandes cidades. As favelas respondem à falta de empregos na periferia jogando os migrantes em um circuito ilusório de trabalho: a origem do camelô e a falta de investimento. E como o preço do camelô deve ser inferior ao da loja para que ele sobreviva, seu suprimento só pode vir de duas fontes: da sonegação fiscal (ninguém paga ICM) ou do roubo nas estradas. A miséria urbana é o retrato de um país que chegou à democracia sem saber como crescer, ou cultivando ilusões inflacionárias de crescimento alimentadas a papel-moeda. Se é verdade que o Fundo Monetário parou no tempo, como entidade que congrega países pobres e ricos, mais verdade ainda é que os nossos desajustes internos nada devem ao FMI. Chegamos ao fundo sem o Fundo.